

AUDIÊNCIA PÚBLICA
REQUERIMENTO N.º 2002
(do SR. LUIZ RIBEIRO)

Solicito que sejam convidados o Secretário de Saúde do Estado do Rio de Janeiro, o Secretário Municipal de Saúde, representante dos hospitais privados do Rio de Janeiro, o Coordenador do Programa de Transplantes de Fígado da UFRJ – Joaquim Ribeiro Filho, e um representante do MS, para prestarem informações sobre o Programa Riotransplante que gerencia os transplantes no Estado do Rio de Janeiro.

Senhor Presidente,

Nos termos regimentais, requero a Vossa Excelência, ouvido o Plenário desta Comissão, sejam convidados a comparecer a este órgão técnico, em reunião de Audiência Pública a ser agendada, o Sr. Secretário Estadual de Saúde do Estado do Rio de Janeiro, o Secretário Municipal de Saúde, representante dos hospitais privados do Rio de Janeiro, o Coordenador do Programa de Transplantes de Fígado da UFRJ – Joaquim Ribeiro Filho, e um representante do MS, para prestarem informações sobre o Programa Riotransplante que gerencia os transplantes no Estado do Rio de Janeiro.

JUSTIFICAÇÃO

A Proposição se dá em virtude dos problemas ocorridos junto ao Programa Estadual Riotransplante, mediante denúncias de má administração do Secretário Estadual de Saúde e conseqüentemente a insignificante captação de órgãos para transplantes de fígado. Segundo o médico Joaquim Ribeiro Filho – Coordenador do Programa de transplantes da UFRJ nos últimos seis meses foram

feitas apenas 12 captações de fígado no Rio de Janeiro, uma cidade em que a estimativa é de é de pelo menos uma captação por dia, vai além, afirma que se o ritmo for mantido, até o final de 2002 vão morrer 40 dos 160 pacientes que aguardam na fila por um fígado. O Secretário, concentrou a central de atendimento do programa no Hospital Pedro Ernesto, com cerca de 20 pessoas trabalhando ali, o problema é que não existem pessoas do programa trabalhando nos hospitais aonde chegam os doadores, e quando o hospital liga avisando sobre a morte encefálica, o pessoal do programa se prende a pedir informações demais e deixa de agir, terminando por perder o doador. Existe ainda, o problema dos hospitais municipais que não participam do programa e o privado muito menos, até fazem boicote, os médicos da rede privada sofrem pressão para não notificar a morte cerebral. As famílias de pacientes declarados doadores, querem comunicar a morte cerebral, mas não conseguem. E o problema da captação se agrava, segundo Joaquim Ribeiro Filho, em 2000 foram feitos 40 transplantes no Hospital Clementino Fraga Filho/UFRJ. Em 2001 foram realizados 30 e se esse ritmo for mantido somente 20 em 2002. Enquanto isso acontece no Rio de Janeiro, as centrais de Brasília e Porto Alegre estão trabalhando com eficiência.

Sala das Sessões, em 09 de abril de 2002.

LUIZ RIBEIRO
Deputado Federal
PSDB – RJ